

São Paulo, 09 de setembro de 2011

Ecoeficiência não é um simples programa ambiental

por Alexandre Yokote

É comum vermos publicações, inclusive em relatórios de sustentabilidade, descrições sobre as ações de ecoeficiência das empresas. Normalmente as ações relatadas são de redução de aspectos ambientais ou da compensação dos impactos ambientais, além da economia (financeira) associada.

Porém no meu ponto de vista isto é um gerenciamento ambiental comum em qualquer Programam de Gestão Ambiental. Ela tem uma característica chave que a diferencia das tradicionais gestões de Prevenção da Poluição (P2) e Produção Mais Limpa (P+L) ao integrar o desempenho ambiental com o desempenho financeiro, na forma de criar valor ao invés de apenas reduzir desperdícios e por olhar para toda a Cadeia de Valores.

O prefixo “ECO” relaciona-se tanto com ECOLOGIA (conceito ambiental), quanto com ECONOMIA (conceito de criação de valores). Complementarmente, criação de valores pode ser entendida como ganhos (físico e emocional) que podem ou não ser financeiros, portanto tangíveis e intangíveis, conforme necessidade de nossas partes interessadas.

A EFICIÊNCIA é uma simples relação entre os resultados alcançados e os recursos usados (glossário ABNT).

“A ecoeficiência pode ser entendida como um nível alcançado de eficiência organizacional caracterizada pela entrega de bens e serviços com preços competitivos e que satisfazem as necessidades humanas e melhoram a qualidade de vida, ao mesmo tempo que os impactos ambientais e a intensidade de uso de recursos naturais são reduzidas a um ponto que o meio ambiente suporta em um equilíbrio dinâmico.” (adaptado de: WBCSD. Eco-Efficiency, 2002).

De modo geral podemos falar que o objetivo da ecoeficiência é gerar mais valor com menos impacto ambiental.

As ações para reduzir os impactos ambientais devem olhar para todo ciclo de vida dos produtos e serviços, usando o ecodesign como uma sistemática para desenvolvimento de produtos que melhor satisfazem os consumidores ao mesmo tempo que se reduzem o consumo de recursos, alteração do meio e geração de poluentes.

Faz parte também da ecoeficiência saber usar a comunicação ou governança para criar mais valor, porém uma coisa é mostrar ações e resultados ambientais e outra é mostrar ganhos (não apenas economia), principalmente financeiros, frente às ações ambientais.

Os ganhos podem ser questões de curto prazo, bem como estratégias de negócio a longo prazo, explorando produtos ambientalmente responsáveis, a responsabilidade corporativa e seu alinhamento de negócios em relação às mudanças e demandas ambientais futuras.

Abro um parêntese e cito o jogo CEO2 no portal da Seguradora Allianz. Por conhecer um pouco do mercado segurador, assumi o papel do CEO ao longo de 20 anos de uma seguradora. Entre as ações de ambientais opcionais para implementar, haviam tanto revisão de mercado, redução de gases de efeito estufa dos escritórios, quanto criar produtos de microseguros e coberturas de seguros que atendessem às novas demandas de mercado nas tecnologias mais limpas, tais como seguros performance para crédito de carbono e energia solar, seguros para baterias automotiva de carros híbridos, descontos para green buildings, além de investimentos em energia limpa, ao mesmo tempo opções de exclusão de empresas de baixo desempenho ambiental da carteira de clientes. A seguradora era avaliada por ambientalistas, empresariado, consumidores e pesquisadores. É uma maneira interessante de conscientizar as pessoas em pensar em estratégias de ecoeficiência de modo integrado ao crescimento dos negócios.

Por fim, cito o lançamento na BMF BOVESPA do 2º ano da carteira ICO2 que na essência lista empresas do IBX50 que possuem uma governança quanto à pegada de carbono e quanto às ações frente às mudanças

Newsletter



climáticas, só que com um diferencial interessante ao ISE. A participação provém de indicador que correlaciona a receita anual da empresa com as emissões de gases de efeito estufa.

Com a receita e as emissões, um investidor pode analisar comparativamente quanto a empresa fatura para cada tonelada de CO2 emitido, e isso poderá ser utilizado junto a outros dados na tomada de decisão sobre quais ações comprar. Acredita-se que empresas com baixa receita por tonelada de CO2, terão relativamente mais aumento de gastos no futuro em função do custo crescente da energia e portanto menor rendimento no mercado de ações. Tanto é que as cotas do Índice ICO2 consideram mais volume às empresas com mais receita com menos CO2 emitido.

Não é novidade, pois já existia a similaridade via S&P, porém se pegar, será um grande incentivo à ecoeficiência.